

Écos de Guimarães

XII Ano — Numero 470

ORGÃO MONARQUICO

2.ª Série — 6.º Ano — N.º 23

Redacção e Administração

EM GUIMARÃES

Rua Gravador Molariño, 47

Director, proprietario e editor

JOÃO PEREIRA DA COSTA

Guimarães, 18 de Junho de 1927

Composição e Impressão

Tipografia „LUSITANIA“

Perto do Tribunal

A última Peregrinação — À PENHA —

Ha momentos na vida em que somos obrigados a confessar a miserável pobreza da nossa linguagem para trasladar à justa as ideias que iluminam a nossa intelligencia, e os sentimentos que fazem pulsar o nosso coração. Assim succede ao que tentar descrever com exactidão o que foi a última peregrinação à Penha, no dia 12 do corrente, como remate e conclusão das imponentissimas festas do Congresso Eucarístico realizado em Guimarães. Se essas festas foram realmente imponentissimas, a peregrinação foi com certeza a mais imponente de todas elas. Só quem a presenciou pode fazer ideia da sua grandiosidade incomparavel. Não ha escritor, por mais habil que seja, que consiga dar dela uma descrição capaz de levar os seus leitores que a não tiram, a fazer um conceito exacto do que verdadeiramente foi. Aqui foi um espectáculo que se vê, mas que se não descreve.

O respaldo do monte da Penha do lado da cidade encontra-se no sopé revestido duma vegetação luxuriante, em que a vide casada com arvores de varias especies, muito viciosas e frondejantes, bamboleia ao vento seus sarmentos tumidos de seiva. Começa a subir a encosta num declive abrupto, averrugada de grandes penedos que lançam manchas escuras numa alfombra esmeraldina, colorida aqui e acolá de pequeninas e graciosas flores montesinas.

A estrada como uma larga faixa esbranquiçada sobe em curvas rapidas até o planalto, coroado de rochedos formidaveis. A peregrinação, saindo da cidade, seguiu esta estrada a passo lento. Simulava uma serpente monstruosa dalguns quilometros de comprimento, coleando costa acima. Centenas de bandeiras, umas de amplas dimensões, outras mais reduzidas, variadissimas nas cores, em que predominavam o branco e o vermelho, algumas riquissimas carregadas de ouro e de guarnições preciosas, verdadeiras obras de arte pelos seus desenhos e matizes, tremulavam nos ares em fulgurações do seu dobramento e do seu colorido. Esta serpente pintalgada em gradações infinitas, desde os alvissimos lenços das filhas de Maria até a batina preta dos sacerdotes, destacava-se no meio da aprazivel verdura da encosta, perfumada do serpilhão florido. E aquelles milhares de bocas, animadas todas do desejo de glorificar a Santissima Eucaristia e a Mãe do céu, recitavam preces e entoavam cânticos, ora numa toada suave e piedosa, ora numa exultação altissonante como o ramalhar duma floresta. Grandes e pequenos, velhos e novos, possesos do mesmo fervor e do mesmo entusiasmo, rezavam e cantavam, embalados na esperança de serem ouvidos do céu.

Antes de a peregrinação atingir o planalto, já lá se encontravam muitas centenas de pessoas curiosas de a ver desfilar no seu admiravel conjunto. Urnas alcandoradas no alto ou resalto dos penedos, outras acumuladas sobre o mato ou sobre o talude da estrada formavam grandes chusmas que pareciam banhos de aves pousadas. Era um espectáculo dos mais impressionantes. Semelhava um amplissimo anfiteatro, repleto de espectadores. Quando toda a peregrinação se achava já no planalto, a acumulação de gente era tanta que a immenso custo se deslocava uma pessoa dum lado para outro. Da esplanada de Pio IX gozava-se um lance de vista surpreendente. Dali até à capela de Nossa Senhora do Carmo estava tudo coalhado de gente. Nunca vi coisa que tanto me impressionasse pela sua grandeza e pela sua va-

Impressões do Congresso Eucarístico Nacional

Meu caro João Pereira da Costa, bom confrade e antigo companheiro de exílio:

Pede-me você — gentileza que muito me penhora — um artigo para o seu belo jornal „Écos de Guimarães“ sobre o Congresso Eucarístico Nacional, que, nesta vetusta e tão portuguesa cidade de Guimarães, acaba de realizar-se.

Aí vão, simples e desataviadas, as minhas impressões — as impressões de um católico monárquico, as impressões de um português, que, por o ser e saber ser, em toda a parte faz afirmações claras do seu credo religioso e do seu ideal politico:

O Congresso Eucarístico Nacional foi uma eloquentissima manifestação do espirito católico português e, consequentemente, uma demonstração cabal de que o povo do Minho, que povo de Portugal é, conserva integralmente as suas velhas e gloriosas tradições religiosas.

Quer dizer — e isto importa aqui consignar: o século XIX materialista e dissolvente, maçónico e ateu, não conseguiu, nem atravez do regime liberal, nem do corrupto sistema parlamentarista, destruir, aniquilar os fundamentos da nacionalidade — fundamentos que, sendo de origem cristã, o são também de origem monárquica. É provavel, quasi certo, que isto não agrade a muito gente, a essa gente que pretende *à outrance* colocar o problema religioso fora e acima dos regimes politicos.

riedade. O povo e os penedos, as bandeiras e as arvores, os toídós dos vendedores de comestiveis e as fileiras de automoveis e, em volta de tudo isto, a largura dos horizontes, circundando vales de verdura, formavam um panorama de encantos e de maravilhas. E nesta occasião avista-se nas alturas, singrando os ares, uma aeronave que fez algumas evoluções sobre o planalto. E aquele mar immensa de pessoas, agitando lenços brancos, correspondeu agradecido ao obsequio dos aviadores.

Terminadas as ceremonias religiosas, começou a debandada em cordões fechados por atalhos e estradas que dam acesso ao alto da montanha. E as pessoas que vinham munidas de farneis, formavam grupos por toda a parte, comendo e bebendo numa santa paz e alegria, que encantava. Os automoveis, subindo e descendo a encosta, formavam um circuito sem fim.

Quantas pessoas se encontrariam na

Penha no dia da peregrinação? Não ha quem seja capaz de fazer um calculo exacto. Que passavam de cem mil, não pode haver duvidas para quem fizer a medição do terreno que estava occupado. E quantos milhares subiriam daí para cima? Não sei, nem tenho elementos para os calcular.

Que importa, se eu só digo o que penso e só escrevo o que sinto? E a propósito registarei, indifferente ao coaxar das malévolas intrigas e ao ulular raivoso do compadrio soez dos que, dentro e fora da Igreja, se obstinam em considerar os católicos *republicanos*: — a maior prova de que o povo português é monárquico está no facto do povo português ser católico.

O contrario seria mentir não só a nós mesmos, como mentir às tradições religiosas de Portugal. Não pode haver religião católica num regime estruturalmente anti-religioso, anti-católico, anti-clerical — num regime maçónico que foi implantado mais para destruir *em duas gerações* a Igreja Católica do que para extinguir a Monarquia; num regime que, ao arvorar a sua bandeira bicolor, vermelha do sangue das vítimas, verde da esperança de transformar Portugal em regabofe dos vencedores, começou de perseguir, vexar, prender e assassinar covardemente religiosos portugueses.

Os católicos que defendem o regime dos autores da expulsão das congregações religiosas, dos roubos à Igreja, da lei da separação, das leis do divórcio e da família, do registo civil alfofre de ódios, da maçonaria antro miseravel de crimes — ou são subservientes, pusilánimes, e, por consequência, moralmente inferiores, ou, fazendo-o conscientemente, são... falsos católicos.

(Conclue na 2.ª página)

Penha no dia da peregrinação? Não ha quem seja capaz de fazer um calculo exacto. Que passavam de cem mil, não pode haver duvidas para quem fizer a medição do terreno que estava occupado. E quantos milhares subiriam daí para cima? Não sei, nem tenho elementos para os calcular.

A cidade e concelho de Guimarães pode orgulhar-se de ter feito umas festas como se não podem fazer melhores em parte alguma de Portugal. A peregrinação, principalmente, foi tam grandiosa que ha-de ser difficil excedê-la e até igualá-la.

A religião e arte, a primavera com todas as suas louçanias e o povo com as suas boas disposições conjugaram-se num grande esforço para dar o maior luzimento possível a essa manifestação religiosa que ha-de perdurar por muitos anos na memoria de todos os que nela tomaram parte.

P. A.

O Sr. Cardeal Patriarca E OS VIMARANENSES

Sua Eminencia o senhor Cardeal Patriarca, impedido de vir a Guimarães por falta de saude, acompanhou em espirito e com o maior entusiasmo, as grandiosas solenidades do II Congresso Eucarístico Nacional.

Comoveram-no especialmente as ovações, que, apesar de ausente, lhe tributaram os vimaranenses. O Venerando Prelado telegrafou ao nosso distinto colega de „A Voz“, sr. Tomaz Rocha dos Santos, manifestando por seu intermedio todo o seu reconhecimento a esta vetusta cidade.

Aquele nosso querido amigo e illustre conterraneo deu conhecimento desta incumbencia à Comissão Executiva do Congresso, que do facto tomou devida nota.

A Redacção do „Écos de Guimarães“ aproveita a occasião para beijar respeitosamente o anel do venerando e eminente Purpurado pelo faustoso dia de hoje, em que Sua Eminencia Reverendissima faz 85 anos, orando a Deus pela conservação da preciosa vida do egregio Antistete.

Henrique de Paiva Couceiro

Autorizado pelo Governo, encontra-se em Portugal, de visita a sua veneranda Mãe, a Ex.^{ma} Senhora D. Helena Michel de Paiva Couceiro, gravemente enferma, o nosso querido Comandante Henrique de Paiva Couceiro, emigrado em Espanha desde a Monarquia do Norte.

Saudamos o grande português que à sua querida Pátria tantos e tam assinalados serviços tem prestado e fazemos ardentes votos pelas melhoras da illustre senhora para que possa por largos anos contemplar aquele que é filho amantissimo e o orgulho de uma raça de heróis e crentes, a quem os portugueses de consciencia são e reflectida tem de reconhecer como uma autentica gloria nacional, como muito bem afirmou ha dias, na Sociedade de Geografia de Lisboa, o actual Ministro das Colonias, sr. Comandante João Belo.

Congresso Eucarístico

Decorreram com todo o brilho as solenidades do Congresso Eucarístico, ultimamente realizado nesta cidade.

Já nos referimos à recepção quente e entusiasta feita ao Legado Pontifício e ex.^{ma} Prelados.

O primeiro número das festas eucarísticas foi a comunhão das crianças, no largo fronteiro à igreja dos Santos Passos.

Milhares de criancinhas dos dois sexos se abeiraram da Sagrada Mensa, sendo sete Prelados a distribuírem o Pão dos Fortes. A alocução do sr. Bispo do Porto foi impressionante. Os pontificais em S. Francisco e as vespers solenes foram imponentes. Os sermões dos ilustres Prelados de Portalegre e de Leiria, sobre a sagrada Eucaristia satisfizeram aos mais exigentes e encheram o coração do povo crente, incitando a todos a procurar conforto na Sagrada Eucaristia. As sessões solenes, em S. Domingos, decorreram sempre cheias de brilho e foram proveitosas nos ensinamentos.

O discurso do sr. Nuncio Apostólico foi muito esplendido. No Congresso foi resolvido afixar uma lápide na igreja de S. Domingos à memória do imortal Pontífice da Eucaristia. Será, a seu tempo, inaugurada uma estátua a Pio X. A procissão das velas foi surpreendente pela imponência e magestade que a caracterizou. A imagem da Virgem, cheia de luz, uma luz quasi sobrenatural, parecia sorrir para a multidão que em sua honra entoava cânticos implorando para a Pátria melhores dias. A entrada das camponesas com açafates de flores para serem lançadas sobre a divina Eucaristia, foi deslumbrante e o entusiasmo chegou ao delírio.

A procissão eucarística do dia 11 saindo da igreja de S. Francisco foi um dos números do programa que mais agradou. O numeroso figurado, uma coisa inédita foi muito apreciado por milhares de pessoas que visitaram a nossa terra. Nesta procissão tomaram parte todos os ex.^{mos} Prelados. Foram dadas quatro bênçãos. Conduziu a Sagrada Eucaristia o sr. Arcebispo Primás. As adorações nocturnas nas igrejas de S. Francisco, Misericórdia e Oliveira foi um número comovente, Jesus Hostia foi victoriado por milhares de crentes que dentro e fóra dos templos entoaram seus hinos.

As comunhões durante a noite foram de alguns milhares. A grandiosa Peregrinação à Penha, apesar do dia de domingo se apresentar chuvoso, realizou-se com toda a imponência sendo milhares e milhares os fieis que nela tomaram parte e algumas centenas as bandeiras de Associações que se incorporaram com seus directores espirituais. Chegou o enorme cortejo à Penha com um sol esplendido que tambem quiz associar-se à magestosa manifestação de Fé em honra da Sagrada Eucaristia. Pelas 3 horas fez algumas evoluções sobre a montanha um aeroplano, que lançou flores e papeizinhos sobre a multidão que o ovacionou. Um delírio!

Não houve uma única nota discordante. Foi, pois, o nosso Con-

Impressões do Congresso Eucarístico Nacional

(Conclusão da 1.^a página)

Vá a carapuça para quem servir, que cabeças não faltam às quais se ajustem...

Eu sei que católicos há que dizem que *Deus é bom, mas que o diabo também não é mau*. E estar nas graças do diabo tem, por vezes, sobretudo nos tempos em que o diabo anda à solta, suas vantagens. Católicos destes dispenso-os, ainda que eles me queiram demonstrar que é essa a doutrina do... centro católico da sua política, que é centro das suas comodidades, centro dos seus interesses.

Mas... facilmente estes católicos confessam o seu erro, porquanto em movimentos católicos da natureza do último Congresso Eucarístico de Guimarães se verifica que — e eles o verificarão — não são os republicanos ateus e maçons os que estão com a Igreja. Não me consta que nenhum dos srs. Prelados de Portugal, que ao Congresso assistiram, tivessem sido hóspedes de indefectíveis republicanos. Não. Quem os recebeu é gente católica, sim, e monárquica, sim.

Passaria isto despercebido ao Centro Católico? Passar-lhe ia igualmente despercebido que o brilho de que foi revestido o Congresso se deveu à qualidade da gente que o organizou e à quantidade da gente que nele interveiu — gente que nenhuma afinidade tem com a república dos partidos, a república das associações secretas, a república maçónica?

Que se fale verdade e que o Centro Católico tenha a coragem de reconhecer publicamente a verdade.

E se de facto isto é assim, porque assim é, quer dizer, se existe sincero espírito católico na gente monárquica, para que insistirmos no erro, aliás criminoso, de curvar a cerviz, subservientemente, a um regime inteiramente e confessamente inimigo da Religião Católica?

Extremem-se os campos de uma vez para sempre. Quem não é conosco é contra nós.

E' se monárquico porque se é católico — e ser republicano implica ser anti-católico. Posto assim o dilema, para que mais confusões, mais mentiras, mais hipocrisias?

Eu sou dos que vão por caminho direito, sem me preocupar com os que cortam por atalhos. Quero a Monarquia por ser católico, por ser nacio-

gresso, uma imponente manifestação de Fé, em que Jesus na Eucaristia foi aclamado como nosso Pai e nosso Rei por muitos milhares de fieis que aqui vieram prestar-lhe homenagem.

nalista, tradicionalista, disposto a todos os sacrifícios; incluindo o da vida e os de interesses pessoais.

Os outros que querem? A república maçónica, a república da lei da separação e da lei do divorcio? Com cegos ou maus — pois uma ou outra coisa esses serão — não me entendo nem quero entender-me...

Isto seria matéria de uma tese a apresentar num congresso monárquico — se é que há monárquicos capazes de se reunirem num congresso monárquico sem se fazerem acompanhar de certos amigos maçons e republicanos... que os há em todos os campos políticos e religiosos...

E basta, porque por muito menos já outros tem sido excomungados do Centro Católico... e do centro da cavaleira nacional monárquica liberal...

Seu amigo certo e obrigado,

ARMANDO BOAVENTURA.

"A VOZ,"

O nosso prezado colega «A Voz», que tem marcado o seu lugar no primeiro plano da imprensa portuguesa publicou desenvolvida reportagem do Congresso Eucarístico Nacional, tendo sido muito apreciados os numerosos referentes ao mesmo Congresso.

Aproveitamos mais esta ocasião para felicitar o seu venerando director sr. Conselheiro Fernando de Souza e ilustres redactores que de «A Voz» fizeram o jornal completo e imparcial que por todos deve ser lido.

MAQUINISMO

Vende-se

- 2 moínhos, pedras francesas de 1,2 assentes em pedestal de ferro;
 - 1 plansichter do autor Carl Haggeumacher;
 - 1 caneleira de 74 fusos inglesa, nova;
 - 1 caneleira de 100 fusos, inglesa;
 - 1 escovadeira dupla para meadas d'algodão, nova;
 - 1 ventoinha para estufa, nova.
- Ver e tratar na Empreza Industrial de Negrelos, Lt.^a Estação — Negrelos.

Dr. Alberto Baptista

Doenças da boca, dentes e maxilares

Rua Eugenio dos Santos, 136

LISBOA

Monumento aos aviadores

Terminados os actos da grande peregrinação procedeu-se à inauguração do monumento aos aviadores.

Na presença do sr. Nuncio Apostólico, Prelados e autoridades, o sr. A. L. de Carvalho leu uma brilhante alocução, terminando por convidar o sr. Nuncio e Administrador do concelho a descerrarem a lápide comemorativa da arrojada travessia do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O sr. Nuncio Apostólico e Administrador do concelho, conjuntamente, descerraram a lápide, ouvindo-se uma estrondosa salva de palmas.

O sr. Bispo de Beja usou da palavra enaltecendo os feitos da aviação e recordando com saudade o nome de Sacadura Cabral.

Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} foi largamente ovacionado, por vezes, no decorrer do seu formoso discurso e no final com uma prolongada salva de palmas.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, fomos coagidos a deixar para o próximo número deste semanário um artigo do nosso estimado colaborador e amigo sr. Arnaldo Bezerra, subordinado ao título «Guimarães no 2.^o Congresso Eucarístico Nacional».

Arrematação

(1.^a publicação)

Pelo Juizo Fiscal de Guimarães, se faz público que no dia 10 de Julho proximo pelas treze horas, na Repartição de Finanças se ha-de arrematar pelo maior lance oferecido o seguinte:—32,30 centímetros de seda «Pougé»; 32,20 centímetros de crepe da China; 19,35 centímetros de sedas glassé diversas; 26,8 centímetros de sedas; 19 metros de diversas rendas douradas em uma caixa de papelão; 15,70 centímetros de sedas fantasia; 15,40 centímetros de gaze preta e de cor; 195,55 centímetros de fazendas de lã diversas; 41,50 centímetros de voile e fazendas de lã; 75,65 centímetros de fazendas de lã de fantasia; 154, e 95 centímetros de tecidos de algodão de fantasia; tudo penhorado pela Fazenda Nacional a Francisco Leite Mendes, casado, negociante, morador na rua da República desta cidade, para pagamento das contribuições em dívida, na importância de 550\$94, selos e custas da execução.

Guimarães, 17 de Junho de 1927.

O escrivão das execuções Fiscaes,

João Ferreira

Verifiquei a exactidão,

O Juiz,

A. Barreiros.

Conselheiro João Franco

Por um telegrama recebido pelo ex.^{mo} sr. dr. Joaquim José de Meira, em resposta a um outro por S. Ex.^{za} enviado ao antigo deputado por Guimarães, sabemos que o sr. Conselheiro João Franco se encontra felizmente melhor.

Bombeiros Voluntários

A benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários adiou, por motivos imprevistos, a sua festa do 50.^o aniversário da sua fundação para a ocasião das Gualterianas.

Será um dos números mais brilhantes das Festas da Cidade.

O sorteio da máquina de escrever, que deveria ser feito pela lotaria de Junho, será regulado pela lotaria de 6 de Agosto, a mais próxima das festas.

Arrematação

(1.^a publicação)

No dia 10 de Julho próximo, pelas 14 horas, ha-de proceder-se, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, à arrematação, em hasta pública, de diversas dividas activas incobráveis e bens de raiz arrolados, tudo abaixo designado no processo de falência aberta a Dário Lucas de Carvalho, casado, negociante, desta cidade, a saber: **Créditos do falido.** Diversas dividas activas na importância de 3.608\$65, que constam da respectiva relação junta aos autos e que serão postas em praco, em globo, sob a base de 2.^a, pela quantia de 72\$20. **Bens de raiz:** — Uma morada de casas de dois andares, situada na rua de D. João I, desta cidade, com os n.^{os} de policia 173, 173 A 173-B, com um pequeno rocio nas trazeiras. Este crédito é de natureza censuária à Confraria do Santissimo Sacramento da freguesia de S. Paio, desta cidade a quem se paga o censo annual de 484 mililitros de azeite e foi validado, livre do censo, na quantia de 4.200\$00. — Um terreno inculto, situado na rua de Francisco Agra, desta cidade, o qual mede pelo norte 5,^m30, pelo nascente 25,^m50, pelo sul 8,^m10 e pelo poente 23,^m60, e foi avaliado na quantia de 837\$45. Estes prédios serão entregues a quem maior lance oferecer acima do preço da sua avaliação.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos. Guimarães, 15 de Junho de 1927.

Verifiquei a exactidão,

O Juez-Presidente do Tribunal Commercial,

A. Silveira C. Santos.

O escrivão do 4.^o officio,

Rodrigo Augusto Graça Alves.

“ORFEON”

Quem foi o seu fundador, a sua origem e os seus fins sociais

As escolas, chamar-lhe-hei assim, de canto coral, estão hoje tão divulgadas em todos os países cultos, especialmente na Espanha, França, Bélgica, Alemanha e Austria e são, em toda a parte, tão justamente apreciadas, que não deixa de vir a propósito inserir aqui o nome do musico distinto e benemerito que foi o seu fundador, a sua origem e os seus fins sociais.

Chamava-se Guilherme Luiz Bocquillon, ou mais simplesmente *Wilhm*, nome pelo qual era geralmente conhecido.

Nasceu, em Paris, no ano de 1781, vindo a falecer, na mesma cidade, em 1842, contando, portanto, apenas 61 anos de idade.

Em 1819, reinando então Luiz XVIII, foi Bocquillon encarregado de organizar o ensino da musica nas escolas da sua cidade natal.

Dêsse encargo se desempenhou proficientemente, e anos depois, em 1833, já no reinado de Luiz Filipe, imaginou então o insigne maestro e professor, as reuniões periódicas dos seus discipulos de todas as escolas de Paris, formando um côro único, — e soberbo! —, a que deu o nome de *Orpheon*, ou seja a execução musical, por vozes, sem qualquer outro acompanhamento instrumental.

O conjunto e o resultado dessa primeira execução, causaram o entusiasmo geral, e a tal ponto que os processos de ensino do insigne professor, tendo sido introduzidos em 1840 e 1841 nas *Escolas dos Irmãos da Doutrina Cristã*, estabelecidas no seu paiz, foram logo adaptados pela própria Inglaterra, nas suas cidades de Londres e Liverpool.

Sobre *O Canto coral e a sua função social*, corre impressa, desde 1909, a notabilissima conferência realisada em Coimbra pelo nosso illustre e muito querido amigo Antonio Arroyo, no sarau promovido pelo *Orpheon Académico*

em beneficio das Creches, a 1 de maio do referido ano e dêsse magistral trabalho de que possuímos avaramente um exemplar, como penhorante gentileza do seu autor, transcrevemos os periodos que abaixo seguem, bem pesares de o não podermos tornar conhecido, na integra, dos leitores dêste jornal, tal a erudição que revela e a linguagem castiça e vernacula em que está escrito. Ei-las:

«A Igreja é o tipo perfeito da sociedade caracterizada pela *unidade moral*; e é de notar que, desde que ai se forme um ajuntamento de pessoas, surge fatalmente o canto. O que leva a afirmar, invertendo os termos, que sempre que há *canto* é porque existe uma *sociedade homogenea*. O côro é, de facto, a multidão reunida numa festividade, numa mesma comunidade... Para Santo Ambrósio, o canto é um poderoso laço de união (de unidade), é o laço gerado pela assembleia do Povo.

«Ricos e pobres, patrões e servos, clerigos e seculares, moços e velhos, homens, mulheres e crianças aproximam-se, reconciliam-se, identificam-se pela musica.

«Para mais, o cantochão, como outras artes cristãs, a pintura gótica por exemplo, é impessoal, é anonimo; todo o elemento musical individualista desaparece por absorção na comunidade de onde, afinal, as melodias de facto procedem. Só a associação, o grupo, parece ter uma existência real. A grandiosidade das cerimónias religiosas de essa época, em que o côro era constituído pelas vozes de todos os fieis abrigados no templo, difficilmente a podemos evocar, dado o caracter da arte hodierna.

«Mas, com o progredir da civilização, a simpleza de essa musica não basta para traduzir os nossos estados de alma; a diferenciação leva ao desenvolvimento da forma artistica e aparece a arte polifónica.

A Educação Nacional

Acaba de sair o n.^o 15 da 2.^a fase dêste jornal pedagógico, literário, artistico e combativo de que é director o distinto jornalista sr. António Figueirinhas, e que traz uma colaboração deveras brilhante e, como sempre, escolhida.

O sumário é o seguinte:

«Notas»; «A coeducação»; «Vida Internacional», por José Agostinho; «A Lenda da Paz Universal», por Mário Gonçalves Viana; «No meu reduto», por José de Queirós; «Os Nossos compêndios», por José Agostinho; «Cartas lusitanas», por Viriato Montanha; «Conferência»; «Montepio Oficial do Professorado Primário»; «As minhas impressões»; «Secção Oficial».

A sua Redacção é na Rua das Oliveiras, 71 a 84—Pôrto.

ca, o *Contraponto*, em paralelismo com a marcha completa da arquitectura gótica, ultimo termo da evolução do templo românico.

«Desde já, porém, cumpre observar que a nova face da arte dos sons se desenvolve principalmente nos países em que, como na Flandres, reinava o espirito das franquias municipais e o principio associativo que gerou as *gildes* associações ou corporações de operários e artistas. E a escola veneziana de musica, cuja existência se explica pelo luxo e pompa das assembleias aristocráticas que tornaram célebre a vida da grande republica do Adriatico, deriva ainda, de facto, como é sabido, da escola feamenga; foi Willaerts que a fundou.

«Também dessas influências procede a grande obra de Palestrina, o aspecto que a arte toma Roma da Renascença, ultima explosão dos sentimentos superiores ainda existentes no mundo católico em luta com o mundo protestante».

Magnifico, não é verdade?

URIEL.

Lourdes — Agosto, 5

Preciso deter-me em Lourdes, neste logar das consolações, antes de abandonar para sempre o querido país das montanhas, e encetar a via dolorosa que vai conduzir-me a Paris, onde me aguarda uma vida de privações, de trabalho, de sofrimentos. Foi aqui, sim aqui, neste bendito santuário, que ofereci a minha vida em holocausto pela vida preciosa de André! Em recompensa do sacrificio consumado agora, não me dará o bom Deus a fortaleza necessária para cumprir o meu dever!

O dever!... Para futuro nada mais haverá em minha vida que o dever, realisado sob a tutela da tribulação...

A que distancia me sinto ainda da heroica resignação cristã!

Com muito custo ensaia minha alma o noviciado nas obras da fé. Hoje mesmo, postada em frente do altar onde tantas vezes implorei a vida de André, senti-me agitada de explosiva rebelião contra a vontade implacavel de Deus, que acurva o homem ao peso do sofrimento.

Sofrer... para quê! Para quê a provação sempre e em todos?

No auge da insubordinação descancaram-me os olhos no Cristo agonisante do altar, e para logo entrou comigo o refrigerio suavissimo da paz! Conserva-se ainda para mim enigma indecifrável o mistério da Cruz, e as instancias de André em fazer-me com-

Eis o que a mim mesma repito quotidianamente para acalmar o remorso de o ter feito sofrer. Era-me impossivel, opunha-se ao meu dever, qualquer procedimento divergente do que eu adotara: Deus mesmo impôs-me esta missão, sujeitou-me a este sacrificio. Obedeci, emudeci, imolei-me. A' fé, porém, que dêra minha vida inteira, para que uma vez, uma que fosse, tivesse permissão de dizer a André: eu amo-te!

Julho, 15

Vende-se esta casa! Verdade tristissima!... Mais que nunca me enluta o doloroso pensamento de despedir-me desta amena solidão, para mim tão grata, porque nela conheci André, nela fui objecto de seus afectos, nela me nasceu por êle o mais acendrado amor... E' como um findar da vida, uma dolorosa agonia de minha juventude. Punge sofrer assim, em plena vida, mutilações terriveis, que amputam uma a uma as partes ainda palpitantes da nossa existencia. Num amarissimo pesar há que deixar após de mim um passado encantador e ir futuro a dentro, futuro ignorado, sombrio e horivel, com as mãos vãs e a alma envolta em dentro luto!

O passado! Quanto é doce volver para êle os olhos e reconstruir, uma após outra, as estações da nossa peregrinação ao país das recordações! Recompomos nossa vida inteira, reavivamos os menores traços que nos concernem, relembramos em sua fisionomia rea-

CARTEIRA

Aniversários

Durante a semana fazem anos as Ex.^{as} Senhoras e cavalheiros:

- Dia 19 — D. Maria da Conceição Pinheiro Torres e Abel d'Oliveira Bastos.
- 20 — D. Maria Luiza Cardoso Martins de Menezes (Margarida).
- 21 — D. Ana Candida da Silva R. Martins e Dr. Luiz Martins Pereira de Menezes.
- 22 — D. Rosaria Vilaça Rodrigues da Silva.
- 23 — D. Maria de Lourdes Leite Almada e Fernando Bourbon (Lindoso).
- 24 — D. Isabel Vilaça Rodrigues da Silva.
- 25 — D. Maria Tereza Vieira Pezoto de Vilas Boas (Guilhomil), Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

Casamento

Está justo o casamento da sr.^a D. Maria José Martins de Sequeira Braga (Aldão), filha muito querida da sr.^a D. Emilia Martins de Sequeira Braga (Vidão) com o sr. Dr. Fernando Cochofel Teixeira Dias, ilustre advogado nos auditórios de Penafiel, filho do distinto advogado sr. Dr. Inácio Teixeira Dias. O enlace, segundo nos informam, deve realizar-se no mês de Dezembro.

Armando Boaventura

Retirou hontem desta cidade, tendo uma affectuosa despedida na gare do caminho de ferro, o nosso bom amigo sr. Armando Boaventura, ilustre redactor de «A Voz», enviado especial para a reportagem do Congresso Eucarístico Nacional de Guimarães.

O «Ecos de Guimarães» honra-se hoje com a colaboração do distinto jornalista.

Pedro Correia Marques

Deu-nos a honra da sua visita o nosso velho amigo sr. Pedro Correia Marques, distinto redactor principal do importante diário «A Voz».

S. Ex.^a que tem estado em Guimarães desde o principio do Congresso, tem sido hospede do nosso prezado amigo sr. Tomaz Rocha dos Santos.

Hospedes illustres

Estiveram nesta cidade por ocasião das Férias do Congresso os Monsenhores: Assis Costa Pereira dos Reis e Torres Carneiro, Conde de Campo Belo e filho e muitos cavalheiros de que é impossivel dar nota.

Varias noticias

Mercado semanal

No mercado semanal de sabado foram vendidos os géneros pelos seguintes preços:

Milho (20 litros) ..	18\$00
Feijão amarelo ..	24\$00
» branco ..	32\$00
» moleiro ..	24\$00
» frade ..	20\$00
Batata ..	11\$00
Ovos (dúzia) ..	3\$00
Manteigueiro ..	50\$00
» galego ..	18\$00

Farmácia aberta

Amanhã, domingo, está aberta a farmácia Alfredo Martins, da rua da Rainha.

Agradecimento

Os abaixo assinados agradecem muito reconhecidos a todas as pessoas que assistiram ao funeral da saudosa D. Violante Rosa Alves Pinto, bem como a todas aquelas que os cumprimentaram por ocasião de tão doloroso transe.

Guimarães, 16 de Junho de 1927.

Bernardina Rosa Martins Mendes
Abilio Mendes.

João de Paiva

No palacete de Carvalho d'Arcos onde se encontravam hospedes do nosso ilustre amigo sr. João de Paiva d. Paiva Leite Brandão, distinto comandante de Marinha, o Rev.^{mo} Bispo de Beja, D. José do Patrocinio Dias com o seu secretário Rev. José Delgado e outros convidados illustres, se procedeu à benção da andal capela daquele sítio.

Tambem foi ministrada a 1.^a comunhão ao filhinho Diogo, revestindo este acto certa solemnidade.

Assistiram os criados e caseiros além de pessoas de alta representação social, convidadas para tal fim.

Doente

— Tem estado enfermo o sr. Abel Cardoso.

De visita

Estave entré nós o sr. Francisco Gomes, considerado industrial em Peniche.

Tambem vimos nesta cidade o sr. Antonio Pacheco, director do Semanário portuense «A Ordem».

... Avisamos

Importante — Segundo a lei dos accidentes do trabalho, todos os mestres e patrões são obrigados a terem o seu pessoal segurado.

Nenhum proprietário deve ter ao serviço operários que não estejam segurados, porque são também responsáveis em caso de desastre.

De 20 a 30 do corrente — Estão patentes aos contribuintes na Repartição de Finanças as importancias fixadas pela Comissão de Revisão, para o efeito de taxa complementar do ano de 1926.

Os contribuintes devem comparecer na Repartição dentro do prazo supra afim de examinarem as importancias e, se quizerem fazer prova em contrario.

Todas as reclamações devem ser feitas em papel selado, sendo assinadas e reconhecidas por notario.

Vão ser efetuados os pagamentos dos juros dos seguintes fundos:

Desde 15 do corrente os juros do 1.^o Semestre de 1927 dos titulos de dívida interna consolidada de 3% sem clausula bem como os da renda perpetua;

Os juros do 2.^o trimestre do fundo de 6 1/2% de 1923 (ouro) ao cambio do dia.

Desde 1 de Julho de 1927, os juros da dívida interna consolidada de 3% averbados com clausula incluindo os de uso fructo das penções vitalicias e donatarios vitalícios;

Das obrigações dos emprestimos de 4% de 1888—4 1/2% de 1903-5 e do 2.^o trimestre do 1.^o semestre de 1927 do emprestimo de 1% de 1909.

Tambem deve começar no dia 1 do proximo mês de Julho, pela taxa estabelecida na sede do Banco emissor, atualmente é de 8% o desconto do 2.^o semestre de 1927 da renda efetiva da dívida ieterna consolidada e dos juros dos fundos amortizaveis de 4% de 1888—4% de 1890—4 1/2% de 1888 9—3% de 1917 em confirmidade da legislação em vigor.

NOTICIARIO

Ronda da Lapinha

No dia 26 do corrente deve vir à Penha a Nossa Senhora da Lapinha, podendo todos os fieis, ouvir missa antes da saida, na capelinha da mesma, pelas 0 horas officias, seguindo depois para a Penha.

Festividade religiosa

Realiza-se amanhã, na igreja da Colégiada, a festa da conclusão do mês de Maria.

Em Felgueiras

Realisa-se em 28 e 29, a grande festa de Santa Quitéria, que constará de vésperas solenes, illuminações, fogo d'artificio, procissão com carro triunfal, etc.

Misericórdia de Guimarães

Obras de trolha, pintura e vidraceiro para a instalação das retretes do Hospital
2.^o CONCURSO

Pela Mesa da Misericórdia de Guimarães se anuncia que até às 11 horas do dia 26 do corrente se recebem, na sua Secretaria, propostas em carta fechada para a execução das obras de trolha, pintura e vidraceiro da construção das retretes, lado poente, do edificio do Hospital desta Santa Casa.

As propostas podem ser apresentadas para todas estas obras ou para qualquer delas separadamente.

No primeiro caso a base de licitação é da quantia de trinta e um mil cento e setenta três escudos e quarenta ta e oito centavos. (31,173\$48).

No segundo caso a base de licitação para a obra de trolha é de vinte e cinco mil duzentos e treze escudos e quarenta e dois cent. (25,243\$42); para a obra de pintura, a base de licitação é de quatro mil setecentos e um escudos e setenta e quatro centavos (4.701\$74); e para a obra de vidraceiro a base de licitação é de mil e duzentos e cincoenta e oito escudos e trinta e dois cent. (1,258\$32).

As ditas verbas são acrescidas de 5 por cento, sobre a base de licitação primitiva. Os depósitos provisórios são respectivamente de setecentos escudos (700\$00), quinhentos e cincoenta escudos (550\$00); cem esc. (100\$00) e cincoenta escudos (50\$00).

Os projectos, medicões, orçamentos, condições de arrematação e caderno de encasgos estão patentes ao exame dos interessados, nesta Secretaria, em todos os dias uteis, desde as dez às 16 horas.

Guimarães e Secretaria da Misericórdia, 3 de Julho de 1927.

O Provedor,
Alfredo Dias Pinheiro.

nimada e viva a quantos nos bem quizeram, e nosso coração, reagido contra o nada que o invade, sente-se bem ao tatear hora a hora sua propria immortalidade.

Mas ai! a nós mesmos nos dissipamos, nos dessiminamos, aqui e ali, no decurso da existencia, por entre os mil accidentes, os meandros, inumeraveis do caminho; as pulsações de nossos corações ficam-nos marcadas em cada vestigio de nossos passos. Estas fugitivas recordações encerram inefavel encanto, mas tal é a infirmitade de nossa pobre natureza, que o tempo lentamente as apaga sendo um de nossos mais dolorosos sofrimentos sentir desfalecer em nossa alma o que lhe fora objecto de vivissimos affectos! Carecemos do aspecto dos logares e das coisas, que formaram parte de nossa vida, para fazer ressurgir as alegrias que volveram,

Essas recordações em nós adormecidas, que um sítio nos conserva e torna mais queridas.

Feliz, oh! mil vezes feliz aquêlle que houve em sorte morrer à sombra das arvores que o viram nascer!... Não me aguarda a mim essa apetejada ventura, e sinto retalhar-se-me o coração na perspectiva de abandonar tam saudosas lembranças da minha fugaz juventude e dos meus estremecidos affectos!

Julho, 20

Deixa-nos D. Octávia; é hoje o dia em que saí. Nas minhas simpatias jamais teve logar preponderante, porque não soube ou não pôde substituir uma mãe, que perdi mal vinda à luz, nem me consagrou jamais aquêlle amor que a minha alma ambicionava... Entretanto, esta separação é um laço mais, que hoje se parte, laço que prendia o meu presente ao meu passado. Tudo se conspira para atormentar-me impiedosamente.

Val — Agosto, 4

Vou partir!... Esta tarde bate a hora definitiva. Nunca mais voltarei aqui!... Meu Jesus, valei-me!... Volto de dizer o derradeiro adeus a estas paragens encantadoras, onde me voaram anos repletos de ventura! Para sempre os levo consignados nos meus olhos e em meu coração!...

Devezas, ah! dizeis... dizeis, varrens sombrias, ramos onde os cascos foram seus ninhos pôr, a outros renderéis as vossas harmonias? heis de a outrem cantar canções ternas de amor?... Vergel, bosque, jardins, esquecei-nos depressa... Vista o musgo os hombraes da nossa habitação... Urze, extingue a pérgada aqui há pouco impressa; rios e aves, cantai... e preste em vós feneça de nós, que vos choramos, fugaz recordação!...